

# 4<sup>o</sup> SE BRA MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
*BRASÍLIA.DF*

DEMOCRACIA:  
DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE  
E PARA A  
MUSEOLOGIA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
2019



Ilustração inspirada em intervenção do artista visual Bené Fonteles, em escultura "A Justiça" de Alfredo Ceschiatti, em 1976.

## ORGANIZADORES

Ana Lúcia de Abreu Gomes, Andréa Fernandes Considera, Clóvis Carvalho Britto,  
Joquebede Teles da Silva Oliveira, Monique B. Magaldi.

REALIZAÇÃO



Curso de  
Museologia



Grupo de Pesquisa  
Museologia,  
Patrimônio e Memória

Programa de Pós-Graduação  
em Ciência da Informação - PPGINF

APOIO



Faculdade de Economia, Administração,  
Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas

## ORGANIZADORES

Ana Lúcia de Abreu Gomes, Andréa Fernandes Considera, Clóvis Carvalho Britto,  
Joquebede Teles da Silva Oliveira, Monique B. Magaldi.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S471 Seminário Brasileiro de Museologia (4. : 2019 : Brasília).  
[Anais do] 4º SEBRAMUS : Seminário Brasileiro de  
Museologia : democracia : desafios para a universidade e para a  
museologia / Ana Lúcia de Abreu Gomes ... [et al.], organizadores.  
- Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da  
Informação, 2020.  
1788 p.

Modo de acesso: World Wide Web:  
<http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/4sebramus/4sebramus/schedConf/presentations>

ISSN 2446-8940.  
ISBN 978-65-87555-00-3.

Museologia – Seminários. I. Gomes, Ana Lúcia de Abreu,  
(org.). II. Título.

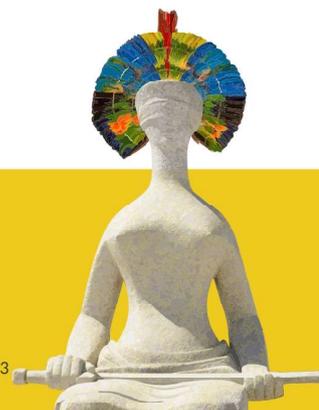
CDU 069(061.3)

4º SE  
BRAMUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
*BRASÍLIA.DF*

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3



## Estratégias acessíveis de comunicação em exposições: O caso do Museu de Porto Alegre

Lubianca Montagner Weber, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Exposição. Audioguia/Pentop. Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.

### RESUMO

O presente trabalho analisa o audioguia/Pentop, uma tecnologia assistiva (TA) utilizada pelo Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (MJJF) como uma estratégia comunicacional que possibilita a inclusão de pessoas com deficiência (PcD) à exposição “O Solar que virou Museu: memórias e histórias”. O objetivo central da pesquisa foi problematizar a promoção da autonomia para o visitante com deficiência visual na exposição, de modo que se compreendeu a necessidade de reformulações da configuração atual dessa ferramenta, bem como refletir sobre novas estratégias comunicacionais que auxiliem na acessibilidade e inclusão de diferentes tipos de público.

**Keywords:** Accessibility. Exhibition. Audioguide/Pentop. Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo.

### ABSTRACT

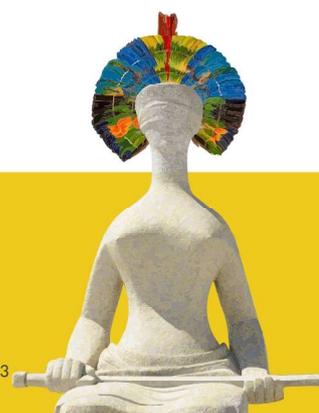
The present paper analyzes the audioguide/pentop, an assistive technology (AT) used by Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (MJJF) like a communication strategy that allows the inclusion for people with disabilities (PwD) to the exhibition “The Solar that became a Museum: memories and stories”. The center objective this research was problematize the promotion of autonomy for the visually impaired visitor in the exhibition, so that it was understood the need to reformulate the current configuration of this tool, as well as to reflect on new communication strategies that help the accessibility and inclusion of different types of audience.

4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3



## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso realizado no Curso de Museologia/UFRGS, onde buscou-se analisar o audioguia/*Pentop*, uma tecnologia assistiva (TA) utilizada pelo Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (MJJF) como uma estratégia comunicacional que possibilita a inclusão de pessoas com deficiência (PcD). Nessa perspectiva, analisou-se o objeto de estudo na exposição de longa duração “O Solar que virou Museu: memórias e histórias”, refletindo sobre sua importância na inclusão social e sua potencialidade como recurso acessível.

O objetivo central foi problematizar como se dá a promoção da autonomia para o visitante com deficiência visual na exposição analisada, trazendo aspectos de seu processo de concepção e utilização pelo respectivo público. O desenvolvimento da pesquisa embasou-se na metodologia análise documental, a fim de conhecer e questionar o objeto de estudo, bem como a audiodescrição (AD) nele contida sobre a exposição; observações e visitas *in loco*; além de entrevistas semiestruturadas com visitantes com deficiência visual ao MJJF e profissionais que participaram do processo de desenvolvimento do audioguia. Os dados obtidos a partir das entrevistas e observações foram entrecruzados com bibliografia específica possibilitando a compreensão da acessibilidade nos espaços museológicos.

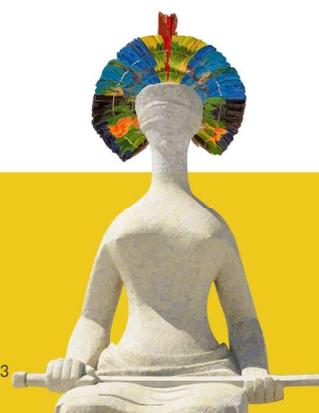
Nessa perspectiva o trabalho está organizado da seguinte forma: em um primeiro momento aborda a história do MJJF juntamente com suas iniciativas de inclusão e acessibilidade nas exposições e, em um segundo momento, realizará a análise propriamente dita do audioguia/*Pentop* na exposição “O Solar que virou Museu: histórias e memórias”, a fim de compreender a concepção dessa TA, o seu papel como elemento inclusivo na narrativa expográfica e, como o público de PcD visual avalia a presença dessa ferramenta na exposição.

4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
*BRASÍLIA.DF*

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3



## MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO E A INTERAÇÃO COM DIFERENTES PÚBLICOS

O MJJF<sup>728</sup> está localizado na atual Rua João Alfredo, número 582 no Bairro Cidade Baixa, na cidade de Porto Alegre/RS. O Solar Lopo Gonçalves, nome como é conhecida a casa sede do Museu, é uma construção com arquitetura luso-brasileira datada de meados do século XIX e servia como casa de campo da família portuguesa de Lopo Gonçalves. Segundo Possamai (2001) Lopo Gonçalves foi um importante comerciante de Porto Alegre, e no Solar foi fundada a Praça do Comércio, atual Associação Comercial. Segundo André (1981) citado por Possamai (2001), no final dos anos de 1950 o Solar ficou conhecido como “Casa das Magnólias” devido a centenária árvore localizada em frente ao casarão, sendo assim chamada por Manoelito de Ornellas, um dos pioneiros a levantar a questão da preservação do prédio e sua importância.

---

<sup>728</sup> O MJJF está localizado no antigo casarão Solar Lopo Gonçalves, na atual Rua João Alfredo número 582 no Bairro Cidade Baixa, na cidade de Porto Alegre. Seu horário para visitação   de Segunda-feira das 13h às 17h30, e de Terça a Sexta-feira das 9h às 12h e das 13h às 17h30, a entrada   gratuita. Para maiores informa es acesse: <<http://www.museudeportoalegre.com>>. Acesso em 2 de set. 2019.

4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
*BRASÍLIA.DF*

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3

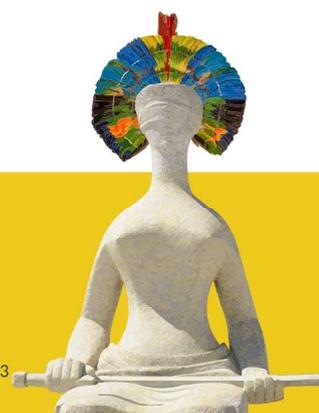


Figura 1 - Imagem da fachada frontal do MJJF e à direita a árvore centenária Magnólia



Foto: Acervo Lubianca Weber, 2018.

Em 1971, um grupo de intelectuais<sup>729</sup> da sociedade de Porto Alegre “[...] buscava um contraponto à progressiva modernização da malha urbana, com amplas realizações no setor viário” (SILVA, 2015, p. 15)<sup>730</sup>, e deu início a uma campanha preservacionista que envolvia

<sup>729</sup> “Foram precursores dessa campanha o arquiteto e urbanista Francisco Riopardense de Macedo, o arquiteto Júlio Nicolau Barros de Curtis, o médico Paulo Xavier, o colecionador Leandro Telles, o jornalista Alberto André e o historiador Sérgio da Costa Franco” (SANTOS, 2011, p. 29).

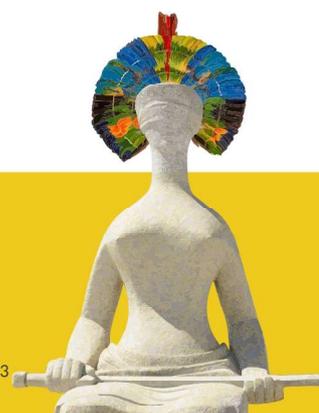
<sup>730</sup> SILVA, Welington Ricardo Machado da. *Museu, Exposição e Cidade: O caso do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo*, Porto Alegre, RS, 2015. 63p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Faculdade de

4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
*BRASÍLIA.DF*

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3



diversos prédios históricos da cidade. Em 1976 por meio de decisão municipal é criado o Museu Cidade de Porto Alegre, e em 13 de março de 1979 pelo Decreto municipal 6.598, torna-se o Museu de Porto Alegre. Porém, apenas em 1982 o Solar passou a abrigar todo o acervo fotográfico, indumentária, moedas, periódicos e documentos, já pertencentes ao arquivo da prefeitura. Em 1993 o Museu passou a denominar-se Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, em homenagem ao historiador deste mesmo nome.

Hoje, o MJJF conta com três tipologias de acervo: Acervo Fotográfico presente na Fototeca Sioma Breitman - composta por aproximadamente 9.000 fotografias; Acervo Arqueológico, que compreende 200.000 peças, entre fragmentos e objetos inteiros, referentes a sítios de ocupação pré-histórica e histórica do município de Porto Alegre; e o Acervo Histórico, composto por cerca de 1.300 peças, que são objetos de cidadãos porto-alegrenses, do final do século XIX e século XX, como acessórios de uso pessoal, objetos de decoração, mobiliário e indumentária, entre outros<sup>731</sup>. A equipe do Museu é composta por funcionários e estagiários dispostos entre setores e, o Setor de Acessibilidade com a Técnica em Cultura Márcia Beatriz dos Santos e uma estagiária.

A partir de análise de documentos da instituição, Santos (2011) verificou que em 2002 foram realizadas as primeiras adaptações de acessibilidade física no Solar, como instalação de elevador e banheiro acessível, e segundo Knuth (2012), em 2002 também é realizado o primeiro projeto de inclusão social do Museu denominado “Visita Guiada: Novas Percepções na Educação Patrimonial”, sendo confeccionadas réplicas do acervo para toque, algumas ainda disponíveis e, o desenvolvimento da maquete tátil do Museu.

---

Biblioteconomia e Comunicação, Departamento da Ciência da Informação, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.

<sup>731</sup>Dados do site do MJJF, disponível em: <<http://www.museudeportoalegre.com>>. Acesso em 2 de set. 2019.



4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
*BRASÍLIA.DF*

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3

Figura 2 - Imagem de visitantes tocando a maquete tátil do Solar.  
Foto: Acervo Lubianca M. Weber, 2018.

Em 2010 criou-se o Setor de Acessibilidade do MJJF e em 2011 foi concebida a exposição “O Solar que virou Museu: memórias e histórias”. Segundo Thanise Atolini (2015), em 2011 o MJJF recebeu aporte financeiro oriundo de edital do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) intitulado “Modernização de Museus - Microprojetos 2011”, premiando o projeto “Aprendendo a preservar o patrimônio: oficinas lúdicas e sensoriais”, que contava com a realização de quatro oficinas no MJJF, dentre elas “Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos”, que tinha como objetivo central “[...] ampliar e qualificar a inclusão de pessoas com deficiência no público visitante do Museu” (ATOLINI, 2015, p. 335)<sup>732</sup>, buscando assim democratizar o acesso do público visitante. Em 2012, com aporte financeiro da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e da Coordenação da Memória Cultural (CMC) pertencentes à Prefeitura Municipal o MJJF adquiriu aparelhos mp3 para serem audioguias, os quais continham apenas a audiodescrição da exposição analisada.

Em 2016, após estudos e desenvolvimento de recursos acessíveis, o Prof. Dr. Eduardo Cardoso<sup>733</sup> introduziu na exposição de longa duração do MJJF “Transformações Urbanas: Porto Alegre de Montaury a Loureiro”, o audioguia/*Pentop*, contendo apenas a AD da referida exposição, além de outros recursos como maquetes e objetos táteis, os quais compuseram sua

<sup>732</sup> ATOLINI, Thanise Guerini. Oficina de Acessibilidade Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos: Educação Patrimonial no Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. In: FRAGA, Hilda Jaqueline de; CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; QUEVEDO, Éverton Reis; BARROSO, Véra Lucia Maciel; SOUZA, Renata Cássia Andreoni de. **Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios**. Porto Alegre/RS: Selbach & autores associados, 2015, p. 335.

<sup>733</sup> Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2003), Especialista em Tecnologia Computacional Aplicada ao Projeto pela UFRGS (2007), Mestre em Design - UFRGS (2009) e Doutor em Design - UFRGS (2016). Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/6147229997002169>>. Acesso em: 2 de set. 2019.



tese<sup>734</sup> e hoje se encontram disponíveis no Museu para utilização do público. Após essa breve apresentação da Instituição e seus recursos de acessibilidade, faremos a análise do objeto de estudo e da exposição em que ele está inserido.

## O USO DO AUDIOGUIA/PENTOP NA EXPOSIÇÃO “O SOLAR QUE VIROU MUSEU: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS”

O audioguia é um sistema eletrônico que permite ao visitante realizar um tour personalizado, no caso específico deste trabalho, nos espaços do MJJF e da exposição analisada, fornecendo ao público informações sobre o espaço físico da instituição, a exposição (textos, legendas, descrição dos objetos) e contexto histórico.

Atualmente existem diversas tecnologias e sistemas que podem ser utilizados para esta finalidade, como por exemplo, aparelhos *mp3*, *tablets*, *ipods*, celulares, entre outros que possam ser facilmente manuseados pelos visitantes, garantindo sua plena autonomia. Cabe frisar que a autonomia nos espaços museológicos diz respeito à garantia de acesso, independência e escolha dos visitantes (TOJAL, 2007)<sup>735</sup> garantindo igualdade para todos os indivíduos e viabilizando seu amplo acesso aos bens culturais, serviços públicos, entre outros.

Em 2015 o Museu ganhou duas *pentops*<sup>736</sup> para serem audioguias da exposição, como parte do desenvolvimento da tese do Prof. Eduardo Cardoso, as quais receberam a AD já

<sup>734</sup> CARDOSO, Eduardo. **Design para Experiência Multissensorial em Museus: fruição de objetos culturais por pessoas com deficiência visual**. 2016, 590p. Tese (doutorado) - Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Design e Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/169663>>. Acesso em: 24 de jan. 2018.

<sup>735</sup> TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus**, 2007, 252p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

<sup>736</sup> **Especificações da Pentop** - Dimensões: comprimento: 130 mm; largura: 25 mm; profundidade: 18 mm. Peso: 42 gramas. Formato da leitura de arquivos de audiodescrição: “.ebk”. O tempo total para a leitura: 4 horas (em volume médio). Capacidade de Memória: 4 GB (de acordo com o produto). Potência Sonora: inferior a 80dB. Alimentação:



4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3

existente contida nos aparelhos *mp3*. Atualmente o Museu conta com sete *pentops* disponíveis, mediante solicitação, aos visitantes. A *pentop* ou caneta falante como também é chamada (Figura 3), é um dispositivo eletrônico semelhante a uma caneta, porém em sua ponta ao invés de possuir uma ponteira para escrever, possui um sensor posicionado e, internamente, ao invés de tinta, um sistema de processador eletrônico, que identifica, codifica e sonoriza as informações contidas em etiquetas pré codificadas, assim reproduzindo os sons previamente gravados, correspondentes aos textos e imagens impressas. Segundo Weber (2018)

Ao apontar a *pentop* para as etiquetas pré codificadas o sensor posicionado na ponta da *pentop* captura o código impresso, que é decodificado pelo programa de sonorização, para identificar e tocar o som correspondente, no caso do MJJF a AD da exposição. As etiquetas são feitas de policarbonato e possuem adesivos autocolantes, podendo ser aplicadas diretamente na parede ou a qualquer superfície plana e lisa, e por possuírem tecnologia única, são especificamente fornecidas pela mesma empresa fabricante da *pentop*. (WEBER, 2018, p. 47)<sup>737</sup>

---

bateria interna. Temperatura adequada: 0 a 45 graus Célsius (MANUAL DO USUÁRIO PENTOP, 2014, p. 50). Para maiores informações acesse: <<http://www.pentop.com.br/t/aboutus>>. Acesso em 23 set. 2018.

<sup>737</sup> WEBER, Lubianca M. **Estratégias de Acessibilidade em Exposições: O uso do audioguia/pentop no Museu de Porto Alegre** Joaquim Felizardo, 2018. 87p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento da Ciência da Informação, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.

4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3

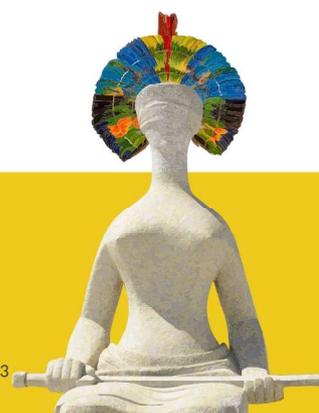


Figura 3: Imagem da Pentop



Acervo: Lubianca M. Weber, 2018.

As *pentops* podem realizar a sonorização dos mais variados materiais impressos, e pode ser realizada em qualquer idioma, uma vez que os sons são previamente gravados (MANUAL DO USUÁRIO PENTOP, 2014). A *pentop* é uma solução comunicacional acessível de implantação rápida, fácil manuseio, podendo ser utilizada por todos os públicos: crianças, jovens, adultos, idosos e PcD. E se tratando da utilização pelo MJJF, permite ao público com deficiência visual a compreensão de elementos expográficos através da AD, sejam de imagens, textos, fotografias, objetos, e demais itens que compõem a exposição, permitindo ao visitante a compreensão da narrativa através das palavras, potencializando a visita de PcD a seus espaços, permitindo-lhes inclusão e autonomia.



4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
*BRASÍLIA.DF*

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3

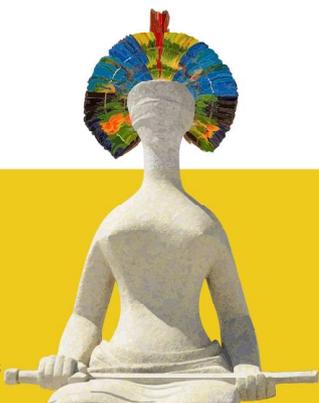
Durante o processo de pesquisa, foram realizadas entrevistas com Márcia Beatriz dos Santos, Coordenadora do Setor de Acessibilidade do MJJF, que também participou de todo processo de concepção e implantação do audioguia/*pentop*; com o Prof. Eduardo que desenvolveu sua tese no MJJF; além de coleta de dados por meio de observação participante e entrevistas realizadas durante uma visita, previamente agendada, com mediação na exposição “O Solar que virou Museu” no dia 04 de outubro de 2018 com três PcD visual (Figura 4).

Figura 4: Dados dos participantes entrevistados no dia 04/10/2018

Participante	Sexo	Idade	Caracterização da deficiência
1	Feminino	41	Cega após os 30 anos de idade
2	Feminino	30	Cega após os 8 anos de idade
3	Feminino	23	Cega logo após o nascimento

Fonte: Lubianca M. Weber, 2018.

A exposição de longa duração “O Solar que virou Museu: memórias e histórias” é subdividida em três eixos temáticos: I. A família Gonçalves Bastos no Solar (1845-1945); II. Novos atores sociais no Solar e o movimento preservacionista (1946-1979) e III. A recuperação do Solar e as novas perspectivas, com circuito fechado e dirigido, da esquerda para a direita, com ordem cronológica dos fatos. Esta sala expositiva é a primeira ao se entrar no Museu pela escada lateral, e suas janelas dão vista para o jardim à frente do Museu.



4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3

Figura 5: Imagem panorâmica da exposição “O Solar que virou Museu: memórias e histórias”



Fonte: Lubianca M. Weber, 2018.

Logo ao se entrar na sala, pode se contar com ajuda de recepcionista, funcionária que está apta ao atendimento de PcD, porém não realiza mediações e, após identificação de público com deficiência, irá providenciar junto de mediadores ou equipe de servidores do Museu, os recursos acessíveis disponíveis para a exposição, pois eles não se encontram na sala expositiva, mas na sala do Setor de Acessibilidade. Cabe ressaltar também que, segundo entrevista com Márcia Beatriz dos Santos (2018a), todos os estagiários e servidores do Museu estão aptos para atendimento ao público com deficiência, bem como todos também realizam mediações, eliminando-se assim as barreiras atitudinais<sup>738</sup>, que muitas vezes acabam sendo um dos motivos que afastam o público.

É necessário pontuar as diferenças existentes ao visitar a exposição individualmente ou em grupos, pois no momento o Museu disponibiliza apenas sete *pentops*, portanto em uma visita individual o visitante a utiliza no modo fechado, com fones de ouvido, e em uma visita com um grupo superior a seis pessoas, utiliza-se a *pentop* no modo aberto, direto do alto-falante da



caneta. Essa alternativa pode ser considerada como uma estratégia de comunicação, pois segundo Cury (2005) citada por Tojal (2015), esta é uma forma de oferecer a todos os públicos condições para que possam decodificar os conteúdos e significados presentes na exposição, pois não priva o público da experiência e fruição da visita. Contudo, na forma coletiva, obriga que todos sigam o mesmo circuito, fazendo com que os indivíduos não tenham total liberdade sobre o trajeto que desejam seguir. Um dos entrevistados por Cardoso (2016) reclama justamente sobre a necessidade de alguém que os oriente e conduza-os pelo espaço, pois o mesmo não possui piso podotátil, o que limita sua experiência e autonomia. Todavia, as Participantes 1, 2 e 3, não quiseram realizar a visita de forma individual, todas optaram pela mediação ressaltando que desse modo suas dúvidas poderiam ser sanadas na hora, algo que o audioguia não pode realizar.

Para Cury (2005b), a mediação está ligada diretamente aos conceitos de exposição como meio de comunicação, pois considera que a partir dela pode-se ampliar o diálogo e a participação do público. Entretanto, mesmo que as participantes não quisessem o auxílio da mediadora, o fato de se ter mais de uma pessoa no espaço implica na necessidade da figura do mesmo, pois apesar do audioguia/*pentop* informar a localização das etiquetas e dar coordenadas sobre direções e passos que o visitante deve dar, o espaço fica pequeno com a presença de muitas pessoas fazendo com que se esbarrem, prejudicando assim a qualidade da visita.

É significativo destacar que ao longo do circuito expositivo existem sete etiquetas sonoras codificadas para a *pentop*, dispostas nos painéis e maquete tátil, todas em Braille para possibilitar a identificação de PcD visual. Todavia, nem todos os painéis possuem as etiquetas sonoras, apesar da *pentop* conter a AD de todos, o que pode ser identificado como uma falha da

<sup>738</sup> Segundo Viviane Sarraf: “As barreiras atitudinais podem ser entendidas como os preconceitos sociais em relação a um indivíduo ou um grupo, na maior parte dos casos por conta da intolerância às diferenças” (SARRAF, 2012, p. 72).



comunicação museológica, fazendo-se necessária novamente a figura do mediador para guiar o público com deficiência visual.

Apesar do circuito ser fechado e dirigido, o visitante não precisa seguir a ordem estipulada, pois ao encostar a *pentop* na etiqueta codificada será reproduzida a AD criptografada naquela etiqueta em específico automaticamente, permitindo que o visitante tenha liberdade de escolher qual gostaria de ouvir. Nas faixas iniciais do audioguia/*Pentop* é explicado a posição que as etiquetas se encontram, sempre próximas a altura da cintura, para auxiliar a localização pelos visitantes, conforme pode ser observado na imagem a seguir (Figura 6):

Figura 6: Imagem de visitante segurando o audioguia/*Pentop* e na altura de sua cintura pode-se observar a etiqueta codificada





Fonte: Lubianca M. Weber, 2018.

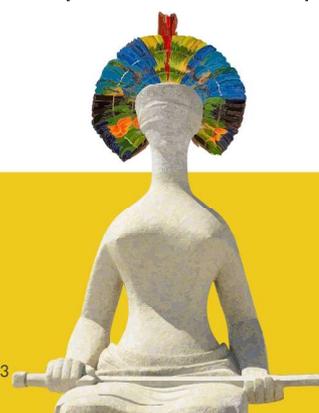
Para Amanda Tojal (2014) a percepção multissensorial é uma parte intrínseca da comunicação museológica, que privilegia a compreensão a partir dos estímulos provenientes dos objetos e dos sentidos, sendo que nesse caso mais específico de PcD visual, a ênfase da recepção está vinculada à fruição do objeto cultural, a partir de todos os canais sensoriais além do visual, como o tátil, auditivo e olfativo. Para elucidar essa questão destacamos a presença de réplicas e objetos originais de vitrines que compõem a exposição. Vale ressaltar que esses objetos táteis são apenas parte dos objetos que estão expostos nas vitrines, o que torna parcialmente acessível a fruição dos visitantes com deficiência visual, pois a AD é completa

4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
*BRASÍLIA.DF*

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3



descrevendo todos os objetos expostos, ocasionando uma falha na comunicação museológica. Não é negado o toque às réplicas caso algum visitante solicite, seja ele vidente ou com deficiência, entretanto pelo fato deles não estarem presentes no espaço expositivo, e muitos visitantes não conhecerem sua existência, isso limita o número de indivíduos com acesso a esses recursos.

Na visita analisada por meio de observação, na primeira vitrine com objetos, Marcia dos Santos e a mediadora, fizeram uma espécie de jogo de adivinhação com as participantes, pedindo que elas tocassem os objetos dispostos em cima de uma mesa e falassem o que acreditavam ser aqueles objetos, após isso foi apresentada suas descrições. Essa forma de mediação dialógica pode ser considerada uma estratégia utilizada para não deixar a visita cansativa, pois os áudios acabam sendo muito extensos devido a densidade de conteúdo expositivo. Ou ainda, como afirma Cury (2005b), essa ação pode ser considerada uma estratégia que amplia a comunicação museológica, pois fortalece a interação do público, não limitando a comunicação da exposição. Sobre esse aspecto de abordagem da mediação, as visitantes destacaram os seguintes aspectos:

Ah eu adoro essa parte de adivinhação dos objetos, é minha parte preferida da exposição. (Participante 1)

Eu gostei muito de tocar, porque não são todos os museus que deixam a gente tocar. Não vou esquecer do tamanho da chave e da fechadura; da bonequinha de porcelana, a qual eu nunca tinha tocado, só toquei naquelas de tecido mesmo; e a escarradeira também, achei bonito o jeito, e é muito bonito pro serviço dela. (Participante 3)<sup>739</sup>

---

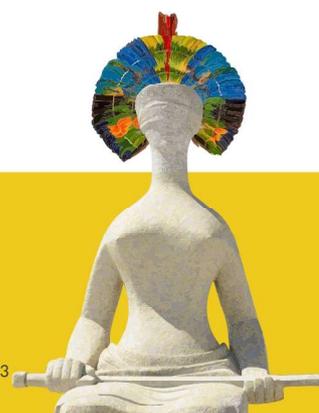
<sup>739</sup> Participante 1, 2, 3 [Set. 2018]. Entrevistador: Lubianca Montagner Weber. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo.m4a (2h 39 min)

4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3



No que se refere aos áudios, tanto entrevistados por Cardoso (2016) quanto os realizados pelo presente estudo (2018), reclamaram sobre a extensão das faixas com AD, tornando um pouco maçante a visita, e sugerindo que as faixas sejam mais compartimentadas.

As mediações, e nesse caso podemos entender também a adivinhação dos objetos, fazem parte da comunicação museológica, sendo muitas vezes as melhores soluções de acessibilidade encontradas pelas instituições para atender ao público com deficiência pois, como podemos observar, a partir da opinião de uma das entrevistadas e de Tojal (2015), essas ações têm grande aceitação por parte do público com deficiência, permitindo através de estratégias de acessibilidade a promoção de sua inclusão e, democratizando seu acesso ao patrimônio cultural, apesar de não permitirem sua ampla autonomia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas leituras, reflexões e análises realizadas no desenvolvimento desta pesquisa foi possível perceber a necessidade de reformulação da configuração atual do audioguia/*Pentop* do MJJF, pois ele demonstra lacunas para ampla promoção de autonomia ao público com deficiência, em específico o público com deficiência visual, sendo relevante refletir sobre novas estratégias comunicacionais que auxiliem na acessibilidade para promoção e inclusão desse público em específico.

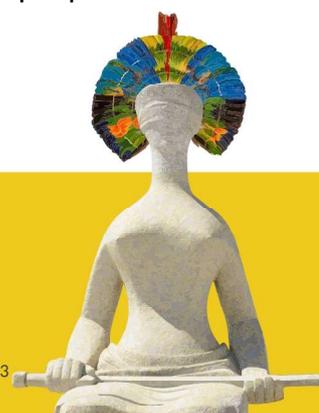
O audioguia/*Pentop*, tecnologia presente na exposição “O Solar que virou Museu: memórias e histórias”, cumpre parcialmente seu papel quando utilizado como estratégia comunicacional, pois outras estratégias são utilizadas pelo Museu para possibilitar a fruição do público com deficiência visual à exposição, tais como o auxílio de mediador, atividades educativas específicas, como o momento de adivinhação das peças táteis, no qual apesar de existir AD de todas as peças presentes na exposição, não são todas que podem ser tocadas ou

4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3



possuem réplicas, demonstrando lacunas entre a expografia pensada para o público vidente e para o público não vidente.

Entretanto, percebe-se a busca para construção de um ambiente que integre amplo acesso ao público com deficiência através dos diversos projetos e ações concebidos pela instituição, sendo uma das instituições museológicas pioneiras no que diz respeito à acessibilidade na cidade de Porto Alegre/RS, demonstrando sua preocupação na inclusão social dos mais variados públicos.

## Referências

ATOLINI, Thanise Guerini. Oficina de Acessibilidade Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos: Educação Patrimonial no Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. In: **Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios**. Porto Alegre/RS: Selbach & autores associados, 2015, p. 335-348.

CARDOSO, Eduardo. Design para Experiência Multissensorial em Museus: fruição de objetos culturais por pessoas com deficiência visual, 2016, 590p. **Tese** (doutorado) - Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Design e Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/169663>>. Acesso em: 24 de jan. 2018.

\_\_\_\_\_. O campo da atuação da Museologia. In: **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005b, p.19-48.

KNUTH, Tamara Scheer. Acessibilidade em museus no Rio Grande do Sul: análise do caso do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, 2012, 46p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Monografia), Bacharelado em Museologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2012.



MANUAL DO USUÁRIO PENTOP. 2014, 53p. Disponível em: <<http://www.pentop.com.br/t/Downloads>>. Acesso em 23 set. 2018.

**Participante 1, 2, 3** [Set. 2018]. Entrevistador: Lubianca Montagner Weber. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo.m4a (2h 39 min)

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: EST Edições, 2001, 144p.

SANTOS, Márcia Beatriz dos. **Acessibilidade em museus: o caso do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo**, 2011, 55p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Monografia), Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Identidade, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, Rio Grande do Sul, 2011.

\_\_\_\_\_. **Márcia Beatriz dos Santos** [Set. 2018a]. Entrevistador: Lubianca Montagner Weber. Porto Alegre, 2018. 1 arquivo.m4a (56 min).

SARRAF, Viviane. **Acessibilidade para pessoas com deficiência em espaços culturais e exposições: Inovação no design de espaços, comunicação sensorial e eliminação de barreiras atitudinais**. In: CARDOSO, Eduardo: CUTY, Jeniffer (orgs). **Acessibilidade em ambientes culturais**. Porto Alegre: Marcavisual, 2012, p. 60-80.

SILVA, Welington Ricardo Machado da. **Museu, Exposição e Cidade: O caso do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo**, Porto Alegre, RS, 2015. 63p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Monografia), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento da Ciência da Informação, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2015.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus**, 2007, 252p. **Tese** (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.



\_\_\_\_. Comunicação Museológica e Ação Educativa Inclusiva: Mudança de Paradigmas. In: CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer (orgs). **Acessibilidade em ambientes culturais**. Porto Alegre: Marcavisual, 2014, p. 14-33.

\_\_\_\_\_. **Política de Acessibilidade Comunicacional em Museus: Para quê e Para quem?**. Revista Museologia & Interdisciplinaridade Vol.1, nº 7, Out. / Nov. de 2015. p. 190-202.

4<sup>o</sup> SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
*BRASÍLIA.DF*

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3

